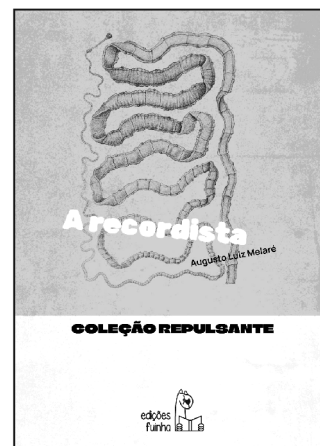




A recordista

Perguntas para pensar ou conversar sobre humilhação intestinal, verme mandão, horror corporal, fome compulsiva e o prestígio duvidoso de sobreviver ao próprio trato digestivo.

O conto não quer elegância; quer acompanhar a degradação de Ana até onde o trato digestivo permitir. Este guia segue a mesma descida, passando por nojo, humor, parasitismo, corpo disciplinado e a linha suspeita entre pesadelo, doença e metáfora social malcriada. Pode ser usado em silêncio constrangido ou com testemunhas que saibam rir na hora errada.



AUTOR Augusto Luiz Melaré

edições fuinha · 2026 · 5 blocos · ISBN impresso 978-65-84058-09-5

Um corpo, dois jeitos de perder a compostura

Por conta própria

Marque em que ponto a história muda de humilhação cotidiana para horror declarado. Vale registrar também quando o nojo virou riso, se sua dignidade permitir.

Com outras pessoas

Cada pessoa escolhe uma etapa da degradação e explica por que ela piora o conto. Ninguém é obrigado a oferecer histórico gastrointestinal como evidência.

Como usar

- Não precisa dissecar cada página. Escolha duas ou três perguntas por bloco e deixe o nojo trabalhar a favor da leitura.
- Se você começar a rir, não se corrija. O conto claramente sabe que horror intestinal também tem timing de comédia.
- Se alguém puxar leitura sobre trabalho, corpo feminino, alimentação ou humilhação social, acompanhe. O verme não resolve tudo sozinho.

Antes de entrar no assunto

1. O conto te ganhou mais rápido pelo nojo, pela graça ou pela velocidade com que a situação piora?
2. Ana te parece mais vítima, narradora indireta de um desastre ou cúmplice parcial de uma lógica já desandada?
3. O verme entra na história mais como monstro, sintoma ou caricatura grotesca de uma dependência?

Se der branco: Se der branco, puxe a progressão do conto: vergonha, suspeita, compulsão, sonho, descoberta, recusa, ameaça. A história cresce justamente porque vai tornando o corpo cada vez menos administrável.

4. Em que momento você percebeu que a história não ia recuar nem um centímetro no projeto de te deixar desconfortável?

Percursos pelo trato narrativo

Escalada completa

Passe pelo conto inteiro dividindo a leitura em situação inicial, irrupção do monstro e escalada da ameaça. É curto; o desconforto rende mais.

Corpo em colapso

Concentre a atenção em vergonha, fome, controle e parasitismo. O grotesco tem engrenagem, embora seja melhor não perguntar como foi lubrificada.

Repulsante completo

Use junto com os outros títulos da Coleção Repulsante. Funciona bem se a ideia for comparar maneiras diferentes de fazer humor ruim do melhor jeito possível.

Depois de tudo

1. No fim, o que te ficou mais forte: o horror corporal, a humilhação social ou a comicidade escatológica?
2. O conto funciona melhor como pesadelo literal ou como exagero monstruoso de rotinas de consumo, trabalho e controle do corpo?
3. Que tipo de medo aparece aqui: medo de parasita, de doença, de exposição ou de perder autonomia sobre o próprio corpo?
4. Se você tivesse que apresentar esse conto a alguém em uma frase, tentaria convencer ou afastar a pessoa?

Vergonha no banco

Augusto Luiz Melaré / bloco / p. 5-7

A abertura instala o eixo do conto com eficiência cruel: Ana sofre com uma diarreia contínua e fedorenta no trabalho, enfrenta a vigilância dos colegas e vai sendo reduzida a corpo em pane diante de um ambiente que cobra compostura e produtividade.

Palavras suspeitas: trabalho / vergonha / corpo / humilhação

Para começar sem cerimônia

1. O que te fisgou primeiro aqui: o constrangimento social ou a descrição quase épica da desgraça intestinal?
2. Ângela te parece só cruel ou também funciona como amplificação do olhar social sobre o corpo dos outros?
3. O banco como cenário piora a situação por contraste com a ideia de elegância e controle?

Para pensar além da conta

1. Como o conto usa espaço de trabalho para transformar um problema físico em humilhação pública?
2. O que há de especificamente social no nojo produzido aqui, para além da condição médica ou monstruosa?
3. Ana já aparece dominada por algo externo ou o conto começa num registro de desgaste ainda administrável?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

Porco, iogurte e compulsão

Augusto Luiz Melaré / bloco / p. 7-10

O conto aprofunda a estranheza ao vincular o mal-estar de Ana a uma fome muito específica por porco e iogurte. A compulsão alimentar aparece como pista monstruosa e também como rebaixamento cotidiano, aproximando o horror de hábitos banais e da exaustão doméstica.

Palavras suspeitas: compulsão / consumo / fome / estranhamento

Para começar sem cerimônia

1. Quando a especificidade por porco e iogurte deixa de ser detalhe esquisito e vira sinal de desastre?
2. A comida nesse conto parece prazer, vício ou chantagem fisiológica?
3. O gato e a rotina de casa ajudam a deixar tudo mais concreto ou só tornam a cena mais triste?

Para pensar além da conta

1. Por que o conto escolhe alimentos tão específicos para marcar a influência do parasita?
2. Como a lógica da fome aqui mistura desejo pessoal e imposição externa?
3. Há alguma crítica de consumo e rotina embutida nessa insistência alimentar ou o grotesco basta por si?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

O verme fala

Augusto Luiz Melaré / bloco / p. 11-14

No sonho que não é só sonho, o verme enfim se apresenta, sai do corpo de Ana, pede iogurte e porco e estabelece com clareza sua relação de mando. O horror corporal vira diálogo grotesco, e a repulsa ganha forma verbal, chantagista e surpreendentemente autoritária.

Palavras suspeitas: verme / horror corporal / sonho / parasitismo

Para começar sem cerimônia

1. O que te afetou mais nessa virada: o aparecimento físico do verme ou o fato de ele falar como chefe abusivo do intestino?
2. Você leu essa sequência mais como pesadelo, revelação ou colapso total da fronteira entre corpo e imaginação?
3. O conto fica mais engraçado ou mais nojento quando o monstro ganha voz?

Para pensar além da conta

1. Como a fala do verme muda o regime do conto, saindo do sintoma e entrando no pacto de dominação?
2. O que o monstro verbaliza que o corpo de Ana já vinha dizendo desde o começo?
3. Esse bloco trabalha mais com susto visual ou com a perversidade da dependência nomeada?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

Recusa, fraqueza e alerta

Augusto Luiz Melaré / bloco / p. 15-20

Ana tenta resistir, corta a comida do verme e vai se decompondo junto. O corpo enfraquece, o trabalho percebe, a vergonha muda de tom e a ameaça se torna mais sistemática, até o monstro anunciar projeto de reprodução e escravização intestinal.

Palavras suspeitas: recusa / fraqueza / ameaça / reprodução

Para começar sem cerimônia

1. Você acreditou por algum momento que Ana conseguiria vencer o verme pela recusa?
2. Ângela reaparece aqui como antagonista menor ou como raro gesto de preocupação no meio do vexame?
3. Qual é a parte mais perturbadora da ameaça do verme: a fome, os ovos ou a transformação de Ana em hospedeira permanente?

Para pensar além da conta

1. Como o conto transforma resistência alimentar em outra forma de autodestruição?
2. O projeto reprodutivo do verme amplia o horror pessoal para uma lógica de infestação social mais ampla?
3. Há algo de especialmente cruel em fazer a protagonista escolher entre alimentar o monstro e definhar?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

Hospital e falsa racionalidade

Augusto Luiz Melaré / bloco / p. 20-26

Na reta final, Ana recorre a vermífugo de gato, depois ao hospital, tentando reintroduzir alguma racionalidade médica num corpo já entregue ao grotesco.

O contraste entre clínica banal e horror parasitário mantém o conto num equilíbrio ótimo entre absurdo, pena e nojo.

Palavras suspeitas: hospital / medicina / desespero / grotesco

Para começar sem cerimônia

1. A ida ao hospital te soou como chance real de saída ou só como prolongamento cômico da humilhação?
2. O detalhe do vermífugo de gato te parece desespero plausível ou ápice deliberado da degradação?
3. O conto ganha mais força quando encosta de novo no cotidiano banal da consulta médica?

Para pensar além da conta

1. O que a cena clínica revela sobre os limites da linguagem racional diante de um corpo já capturado pelo grotesco?
2. Por que o conto não precisa de grande clímax espetacular para deixar a sensação de desastre em curso?
3. A recordista termina mais como sátira corporal, pesadelo em aberto ou pequena tragédia nojenta?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

Guia capenga de leitura das edições fuinha.

Use sozinho ou em grupo. Resultados intelectuais não garantidos.

edicoesfuinha.com.br/guias/a-recordista